

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

IRMÃS LATINAS.

SCHULTEN, Adolf

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

SCHULTEN, Adolf, Irmãs latinas. *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 279-289.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

IRMÃS LATINAS (*)

POR ADOLF SCHULTEN

À Senhora Teresita Fiebiger,
como recordação

Sempre que os franceses necessitam de captar a simpatia, especialmente com intuitos políticos, dos italianos e espanhóis, dão às suas respectivas nações a lisonjeira designação de «soeurs latines». Uma tal designação, porém, só em parte poderá justificar-se pelo facto de as línguas românicas destas três nações derivarem do mesmo tronco latino. No restante, italianos, franceses e espanhóis são povos muito diferentes. Mas o parentesco da língua é apenas um laço aparente, como se verifica por exemplo com os judeus, que, apesar de adoptarem diversas línguas, nem por isso perderam as suas características raciais. Não é portanto a língua que define uma raça, mas sim a própria ascendência do povo. A raça de um povo depende da sua origem

(*) Com autorização do Sr. Prof. Schulten, damos hoje a tradução deste notável artigo publicado em 25-10-1947, no «Deutsche Zeitung für Spanien», de Barcelona. O estudo que o eminente catedrático de Erlangen fez das características raciais, etnográficas e culturais que distinguem o povo espanhol do francês e do italiano muito interessa igualmente aos portugueses, pelas afinidades de raça e costumes que, entre nós e os habitantes da nação peninsular vizinha, são indiscutíveis, e se verificam especialmente em certas províncias portuguesas e espanholas limítrofes. Muitas das virtudes ou fraquezas que o Prof. Schulten, nesta síntese magistral, aponta aos espanhóis podem, conseqüentemente, considerar-se por igual extensivas aos portugueses. (Nota da Redacção)

e dos seus cruzamentos com outros povos. Em todos os tempos se deram deslocções de povos e consequentes entrecruzamentos. É por esse motivo que as raças consideradas puras são muito raras, só se encontrando geralmente em regiões apartadas, como sucede por exemplo com a raça germânica, que apenas se tem mantido mais ou menos intacta junto do Mar do Norte e na Escandinávia. Raças puras constituem, portanto, uma verdadeira utopia, cuja transformação em realidade nem sequer seria para desejar. Bismarck, pelo menos, afirmou mais de uma vez que os cruzamentos de povos eram úteis, acrescentando que os habitantes da Alemanha oriental, da região do Elba, tinham beneficiado do cruzamento com os eslavos, ao mesmo tempo que, no ocidente, os da Renânia, do cruzamento com os latinos. Ele próprio constituiu um testemunho flagrante dessa afirmativa, porquanto herdou do pai e da ascendência paterna a sua forte compleição física, ao passo que o temperamento espiritual lhe vinha do lado materno, dos Menken, família de sangue eslavo, que também nele fisicamente se evidenciava, até pelo nariz curto e largo, o chamado «nariz de mongol». De um cruzamento de resultados felizes, sob o ponto de vista político, são exemplo os ingleses. A habilidade no campo da política veio-lhes da sua ascendência latina, pelo lado dos normandos, os quais originariamente constituíam um povo germânico, que mais tarde foi romanizado em França. Aos germanos faltou sempre esse dom da habilidade política, que nunca se lhes tornou peculiar, como já acontecia nos antigos tempos, em que muitos deles se aliavam a Roma, enquanto outros se digladiavam — Armínio, germano do Norte, contra Marbod, germano do Sul.

Ora as três «irmãs latinas» são, pela sua origem e cruzamentos, totalmente diferentes. Os Franceses descendem das populações pré-romanas da França — Celtas ou Gauleses. Estes representam o ramo mais ocidental dos Indo-germanos ou Arias, imigrados da Ásia. Mas, durante esse longo trajecto, na sua emigração para oeste, já os Arias se mesclaram com outros povos não arianos. E, por

sua vez, em França, os Celtas cruzaram-se com as remotas populações indígenas, entre as quais se incluíam especialmente os Lígures. Estes eram, como se depreende da descrição do grande etnógrafo Possidónio, fisicamente parecidos com os Iberos e Berberes, e, como eles, uma raça meridional, que desde o sul se alastrou até o Mar do Norte, ocupando toda a França e partes da Itália e da Espanha.

Também os Iberos, que eram igualmente um povo meridional, se cruzaram com os Celtas, visto que o sudoeste da França, a Aquitânia, ainda na época do Império era ibérica, afirmando os antigos textos que os Aquitanos se diferenciavam dos Gauleses pela linguagem e aspecto físico.

Os Lígures e Iberos constituem por isso o estrato mais antigo dos Gauleses, como os Germanos, o mais recente. Já, muito antes de César, os Germanos, avançando para oeste, se tinham estabelecido na Bélgica, onde, ainda no tempo de César, permaneciam cinco tribos germânicas. Mais tarde, foi a Gália intensamente germanizada pelos Francos, vindos do Baixo Reno, dos quais derivou, e subsistiu até a actualidade, o nome de França.

Os Italianos são também de origem indo-germânica; e as línguas dos seus ascendentes itálicos — Latinos, Sabelos e Oscos —, os quais têm a designação geral de «Italiotas», são indo-germânicas. Mas também na Itália havia populações mais antigas, povos pré-arianos, especialmente os Lígures, que ocupavam as margens do Golfo de Génova, ainda hoje chamado «ligúrico», e outras partes do país. Além do cruzamento com os Lígures, mesclaram-se os Italiotas com os Etruscos, cujos antepassados, os Tyrsenos, procedentes da Ásia Menor, chegaram ao Ocidente, navegando até o Oceano Atlântico. Os Etruscos exerceram marcada influência sobre os seus vizinhos, os Romanos. Roma é um nome etrusco; os sete reis romanos foram, na realidade, senhores etruscos de Roma; e a Cultura romana está fortemente impregnada de elementos etruscos. Na Sardenha e na Córsega uma parte dos naturais é de origem ligúrica, outra de origem ibérica, populações cuja rudeza ainda hoje é bem acentuada.

Na Itália do norte, os Celtas, atravessando os Alpes, deixaram ali nitidamente definidas as suas características, tanto na linguagem, como na própria raça. Semelhantemente, na região dos Piemonteses e Lombardos, predominam as características nórdicas: a sua língua é muito parecida com a francesa, e foi nesta parte da Itália onde a indústria tomou maior desenvolvimento. Muitos dos principais representantes da Literatura romana eram de origem céltica: Cátulo, de nome celta, Vergílio, Livio, os dois Plínios. Na Itália do sul nota-se uma inegável influência dos Gregos; a Sicília e Nápoles têm o cunho da cultura grega tardia, já do período da decadência. Devido à influência comum exercida pelos Lígures e Celtas, tanto sobre os franceses do sul, como nos italianos do norte, assemelham-se muito estes dois povos.

Totalmente diferentes, porém, dos franceses e italianos são os Espanhóis, e a tal ponto que à Espanha muito menos se pode dar a designação de «irmã latina» daqueles dois povos. Este contraste provém de a população primitiva da Espanha, representada pelos Iberos, ter deixado ali a mais acentuada das influências. Os Iberos não são Árias, mas sim Hamitas, parentes próximos dos Berberes. Este facto ressalta da analogia espiritual e física entre Iberos e Berberes, e ainda da repetição que se verifica de muitos topónimos africanos no sul da Espanha, existindo mesmo em Marrocos uma tribo denominada dos Nectiberos. Antes dos Iberos já outras tribos africanas haviam entrado em Espanha através do Estreito de Gibraltar: os Chelenses, portadores da mais antiga cultura paleolítica, e, depois destes, os homens da raça de Neanderthal, os Mustierenses.

A segunda capa etnológica da Espanha foi a dos Lígures, que também aqui deixaram comprovada a sua presença, especialmente na Catalunha e na Andaluzia, cujo terreno pantanoso da foz do Guadalquivir tomou o nome de «Lago Ligustino», no qual existiu também uma cidade ligure, talvez no sítio hoje denominado de Hasta, próximo a Jerez.

Uma terceira capa foi a dos Celtas, que cedo penetraram na Espanha, em diversas ondas vindas

do norte, ocupando as regiões do oeste e a Meseta central, quando as melhores terras, do sul e da costa do Levante, já estavam ocupadas pelos Iberos. A influência céltica na Península está claramente definida, na Meseta por um grande número de topónimos celtas, e no Ocidente, tanto em Portugal como na Galiza, pela pronúncia nasalada, que demonstra a raiz céltica da língua, e bem assim pela frequência do tipo loiro, denotando ali maior predominância de Celtas, que dos Germanos.

Os Germanos, que representam na Espanha a quarta camada étnica foram numericamente inferiores aos Celtas. Já com os Celtas tinham entrado também Germanos em Espanha, havendo-se fixado uma tribo na Serra Morena (*Oretani, qui et Germani*), outra em Lugo (Galiza), a dos Paemani, e ainda, noutros lugares, os Teutões, Ambrones e Cimbro. No ano 409 da era cristã, chegaram os Alanos, Vândalos e Suevos, e, em 500, os Visigodos ocuparam grande parte da Península.

Finalmente os Árabes constituíram a quinta capa de povos entrados em Espanha, que só ocuparam em maior extensão a Andaluzia.

Como elementos comuns à França e à Itália, apenas na Espanha encontramos os Lígures e os Celtas, mas, em compensação, faltam por completo os Iberos na Itália, que também só esporadicamente aparecem na França. A razão, portanto, da diferença flagrante que os franceses e italianos fazem dos espanhóis, deve provir necessariamente da forte iberização da Espanha.

Quanto às modalidades que se notam dentro do próprio povo espanhol, temos de as atribuir à variedade de ramos étnicos que constituem esta raça.

Ao procurarmos investigar as bases em que assenta a diversidade de cada um desses ramos em especial, concluímos, por exemplo, que os catalães herdaram dos Lígures a sua aptidão para o mar, tal como os genoveses, dos quais descendia Colombo. Os Lígures eram navegadores arroçados. Os andaluzes têm vivacidade e predilecção pela dança, canto e vinho, gozando a vida, como faziam os primitivos

habitantes daquela região. Já na antiguidade tinham fama as dançarinas de Gades (Cádiz), cujas danças eram inteiramente semelhantes às actuais. E também já nos velhos tempos ali existia a mesma propensão para o exagero e a fantasia, características dos andaluzes. O acentuado temperamento guerreiro dos castelhanos e dos extremenhos é uma qualidade herdada dos Iberos. De carácter ibérico é igualmente a fraca tendência dos espanhóis da Meseta para o trabalho, tal como acontecia entre os Iberos, de cuja indolência nos fala Estrabão, e também como entre os Berberes, a cuja preguiça (*segnitia*) se refere o geógrafo Mela. O desenvolvimento da indústria espanhola pelos actuais catalões e bascos mostra-nos que estes descendem de um povo activo, como eram os Ligures e os Celtas, e não dos Iberos. Muito diferentes dos espanhóis são os portugueses, porque em Portugal predomina o elemento celta. O galego, ágil e vivo, herdou muito do carácter nórdico dos seus antepassados Celtas e Germanos.

Em face da diversidade das antigas raças que deram origem a franceses, italianos e espanhóis, necessariamente que estes povos tinham de ser diferentes, como na realidade o são. Fisicamente, apenas se assemelham com os franceses e italianos as populações espanholas suas vizinhas chegadas, como, de mãos dadas sobre os Pirenéus, os catalães, os provençais e italianos do norte, e do mesmo modo os bascos com os seus irmãos franceses da Gasconha, topónimo que derivou da palavra «basco». Tanto como entre os franceses e italianos do norte, também entre os galegos, habitantes de terra céltica ou germânica, se encontra o tipo loiro. Porém, nas restantes partes da Península, os espanhóis são fisicamente, nos seus traços característicos, muito diferentes dos franceses e italianos, especialmente os espanhóis do sul, parecidos com os Berberes e Árabes, dos quais em França e Itália não há vestígios. Na Meseta predomina o tipo ibérico, moreno e magro, que se destaca pela baixa estatura, grande força e elasticidade de músculos, e especialmente pela sua extraordinária agilidade; mas surge também com frequência em Espanha o tipo negróide, de rosto

estreito, lábios grossos, maxilares salientes, sobrance-lhas espessas, nariz curto e achatado, conjunto este de caracteres que constitui um tipo absolutamente desconhecido na França e na Itália.

A diversidade de aspectos físicos que notamos nos homens de cada um destes povos estende-se igualmente às mulheres. Seria certamente difícil, entre uma centena de espanholas, italianas e francesas, distinguir a qual dos três povos cada uma delas pertencia. Há, porém, certos tipos de mulher nitidamente característicos de cada um desses povos. Como representante da França, poderemos considerar a parisiense, «élégante, charmante, gracieuse», adjectivos que propositadamente aqui empregamos, por o seu sentido ter, no caso presente, a mais justa expressão. Como característica mulher de Espanha designo a espanhola da costa do Levante, com sua figura esbelta, olhos rasgados, com lindas sobrance-lhas e pestanas, nariz fino e opulenta cabeleira negra. A andaluza encanta com seus bailados, em que põe à prova a extraordinária elasticidade da cintura estreita e flexível, e a grande mobilidade de braços e mãos; ao mesmo tempo, como cantora, arrebatada o público, com suas expressivas modulações e insinuante vivacidade. Nas qualidades morais a espanhola suplanta as suas irmãs latinas, mais pelo inato amor próprio e orgulho pessoal do que por influência da educação religiosa. Como tipo da mulher italiana podemos apontar a romana de Trastevere, com seu pescoço de Juno, ou a dos Montes Sabinos, a qual, com o cântaro de cobre à cabeça, sobe lentamente, numa atitude magestosa, as estreitas sendas da montanha, a caminho da sua aldeia.

Mas principalmente sob o ponto de vista espiritual, é que o espanhol difere mais flagrantemente dos seus parentes franceses e italianos. Estes últimos são de índole impulsiva, enquanto que o espanhol revela uma curiosa dualidade de temperamento, ora fleumático e tranquilo, ora arrebatado e colérico. A característica fleumática é a resultante do ritmo da vida espanhola, lenta e contemplativa, e da natural indolência do espanhol no trabalho, em contraste com os franceses e italianos, que, em geral, são

homens activos. No outro aspecto do seu temperamento — o feitio arrebatado — os espanhóis vão até o máximo, com suas bruscas transformações do amor em ódio, o seu fanatismo em matéria religiosa e política, que se manifesta especialmente no ardor com que repelem o ataque inimigo, e na luta, até ao último extremo, pela liberdade, a ponto de os Iberos terem praticado o canibalismo, para se poderem aguentar na defesa das suas cidades (Numância, Calahorra), preferindo matar finalmente a mulher e os próprios filhos e suicidar-se em seguida, do que aceitar a rendição. A este mesmo temperamento arrebatado se podem atribuir as horrorosas crueldades praticadas na última guerra civil. Tais paroxismos não se encontram nem entre os italianos, nem entre os franceses. Mas, enquanto que os espanhóis de hoje são tão valentes como eram os antigos Iberos, não podem os italianos orgulhar-se de qualidade idêntica, e apenas os franceses a herdaram do seu cruzamento com os Germanos. Também o que nós podemos chamar as tendências «anárquicas» da vida espanhola constitui uma característica do povo espanhol, que, na sua ânsia constante de liberdade, dificilmente se adapta ao espírito de obediência e da ordem.

Possuem em comum estas três nações a qualidade da afabilidade de trato, virtude menos sensível entre os povos germânicos do norte da Europa; porém, o espírito cortez dos espanhóis é radicalmente diverso da simples amabilidade formal dos italianos e franceses: a cortesia espanhola é sincera, vem do coração. Nada impressiona mais agradavelmente o forasteiro que chega a Espanha, do que as amabilidades que os espanhóis se dispensam mutuamente, e muito especialmente a um estrangeiro. Este fica surpreendido não só da forma cativante como lhe é oferecido um simples cigarro, mas da franqueza como o convidam a servir-se até do próprio cabaz da comida, o que os italianos e franceses são incapazes de fazer; igualmente ficam admirados de que lhe paguem qualquer despeza, como acontece quando vários espanhóis se sentam à mesa do café, e um paga por todos. Num artigo que

publiquei sobre a Espanha, intitulado «Das Land der Höflichkeit» (*O país da cortesia*), dediquei um capítulo especial à palavra espanhola «amigo». Este «amigo», sempre pronto, que se põe «incondicionalmente» à nossa disposição, é uma figura tipicamente espanhola, que, em parte, se deve, sem dúvida, à insuficiência de auxílio dos organismos de assistência pública, o que obriga os indivíduos à necessidade de se socorrerem mutuamente.

Também, pelo seu marcado orgulho, se distingue o espanhol, e até o de mais ínfima condição é orgulhoso. Tal como cada um se considera a si próprio, assim respeita igualmente os outros. Quando, por exemplo, o espanhol recusa a esmola a um mendigo, pede-lhe desculpa com um «perdone usted». E enquanto nos restantes países latinos as diferenças sociais são tão acentuadas como nos países nórdicos, o espanhol é democrático por natureza. Se um criado de café, por exemplo, se encontra, de momento, sem ter que fazer, senta-se, em conversa, junto de qualquer freguês, que logo lhe oferece um cigarro. Tanto em Itália como em França, e nos países do Norte, é raro dois viajantes de 1.^a ou de 2.^a classe estabelecerem conversa, quando se não concheçam; mas, na Espanha, o simples oferecimento de um cigarro dá logo pretexto a uma conversa amena. Estas tendências democráticas revelam-se igualmente na pequena importância que o espanhol dá aos títulos e condecorações, ao passo que em França, é raro encontrar-se um indivíduo que não ostente a sua fitinha na lapela, tal como na Itália acontece com o possuidor de qualquer condecoração, que, por mais insignificante que ela seja, é logo considerado um «cavaliere».

Se entramos em consideração com a estrutura das línguas, também entre as dos três povos encontramos diferenças consideráveis. O francês é o idioma da «causerie» e da diplomacia; o italiano reúne a harmonia musical do grego à ênfase retórica de Cícero, que em Mussolini se evidenciava, ao declamar: «Se vado avanti, seguitemi; se vado indietro, uccidetemi; se muoio, vendicatemi!» A língua espanhola é mais dura, soa a comando militar.

No respeitante a assuntos culturais, igualmente se patenteiam diferenças flagrantes entre as três «irmãs latinas», originadas também nas diversidades de raça. Enquanto os italianos são, ainda hoje, architectos famosos, o que é neles uma herança romana, a Espanha apenas sob a influência da Renascença italiana teve um período de esplendor na Architectura (Escorial), e nada pode ostentar hoje de notável neste campo; muito pelo contrário, a tentativa de criação, em Barcelona, de um estilo catalão só tem produzido singulares extravagâncias, como as torres da «Sagrada Família», e, da autoria do mesmo architecto, a esquisita casa do Paseo de Gracia. Também só nos séculos XVI e XVII a Espanha teve importância na Escultura. A Itália, porém, ainda hoje levanta estátuas geniais, como a de Garibaldi, voltada para o Vaticano, no alto do Janículo, contendo gravada no pedestal a sugestiva divisa «Roma o Morte». A contrastar com isto, sofre-se uma grande decepção, ao depararmos, por exemplo, no Parque Bom Retiro, de Madrid, com uma quantidade de estátuas de medíocre valor. De um modo geral, pode dizer-se que a Espanha de hoje está ainda bastante atrasada em relação àqueles dois outros países, mas ainda bem, todavia, que existe um país para o qual o dinheiro não é tudo, nem tão pouco o tempo é dinheiro. Há, evidentemente, muitos espanhóis apologistas de modernismos, que procuram abolir os velhos trajes e costumes nacionais, e não gostam que os estrangeiros considerem a Espanha romântica, a ponto de a ópera «Carmen», de Bizet, raras vezes ali ser levada à cena.

Como acabamos de ver, as três «irmãs latinas», embora aparentadas pela língua, são muito diferentes no resto, o que se deve atribuir à diversidade de camadas étnicas pré-romanas de cada uma destas nações. Nos franceses e italianos, temos a considerar a influência dos Lígures e dos Celtas; entre os espanhóis, a dos Iberos, de origem africana. Da capa romana, mais recente, herdaram as três de comum a língua e a Cultura. Mas, sob os restantes aspectos, imperou mais fortemente o influxo pré-romano, como se verifica nos nomes de muitas das

velhas cidades, que não conservaram a toponímia grega ou romana, mas sim a primitiva, indígena, tal como, por exemplo, a cidade de Aleppo, na Síria, que ainda hoje é designada pelo antigo nome de Chaleb, e não pelo nome grego posterior, de Beroia. Assim se explica que os franceses e italianos mantenham íntimas relações culturais e políticas, quando é certo que entre os espanhóis, de um lado, e franceses e italianos, do outro, elas são diminutas, embora os espanhóis possam considerar-se vizinhos tão próximos dos franceses como os italianos. Desde as invasões napoleónicas da Espanha até hoje que as relações entre espanhóis e franceses tem sido sempre pouco amigáveis. Das relações entre a Espanha e a Itália, então nem falemos, com excepção da ajuda que Mussolini deu a Franco, durante a última guerra civil. Este facto, que parece estranho, de a Espanha mostrar pelas duas nações suas vizinhas uma tal frieza, pode explicar-se, ao menos em parte, pela razão de, entre aquela e os outros dois Estados, quase não haver intercâmbio económico, devido a serem todos três produtores das mesmas mercadorias principais — azeite e vinho. Mas a causa fundamental deve residir na sua pronunciada diferenciação de raças, o que contribui para dificultar um entendimento mútuo.

Fica assim demonstrado à evidência, que sòmente é possível compreender a individualidade e maneira de ser própria de cada povo actual, conhecendo as suas origens etnográficas, as quais os dirigentes e os intelectuais de cada nação não devem ignorar, tanto pelo que respeita ao próprio povo a que pertençam, como igualmente em relação aos restantes povos, e em especial aos seus vizinhos.